

1. Introdução

O trabalho junto aos jovens carentes de uma pequena comunidade do Rio de Janeiro, apoiado por uma Organização Não-Governamental, suscitou em mim o interesse acadêmico, em busca de responder a uma série de questões que o dia-a-dia me apresentava. Desta forma, a cada ano acadêmico procuro estudar um aspecto diferente da vida da criança e do adolescente, segundo os especialistas.

A convivência junto aos adolescentes, o compartilhar de suas experiências boas e más, juntamente com os estudos das teorias aplicadas aos temas relevantes, resultaram na elaboração de trabalhos teóricos, de projeto de pesquisa e de monografia¹.

Seguindo este percurso, priorizou-se trabalhar junto ao grupo participante dos projetos atuais da Organização. Este grupo é composto hoje por 16 meninas e 8 meninos na faixa etária entre 12 e 21 anos, todos participantes de um projeto de protagonismo juvenil, onde os jovens assistem e proferem palestras sobre sexualidade, prevenção e participação comunitária.

Do total de 24 adolescentes participantes do projeto anteriormente citado, 20 tornaram-se mães ou pais precocemente, 14 meninas e 6 meninos. Assim, detectando o crescente número de “adolescentes em situação de risco de amar” em nosso grupo de trabalho, surgiu a motivação para um estudo mais aprofundado e sistemático das representações sobre gravidez e projetos de maternidade na idade adolescente.

O presente estudo procurou considerar a particularidade do ambiente permeado pela violência em que vivem, a falta de orientação por parte da maioria das famílias e a fragmentação das políticas e projetos sociais que deveriam assisti-los.

Atualmente, alguns estudos como os de Cavalcanti (2003), ressaltam a possibilidade de que a gravidez na adolescência possa ser

¹ A vida pós-adolescência no Rio de Janeiro: A experiência de um grupo (2005); Adolescentes em situação de risco de Amar:O que é que a gente não faz por amor(2006)

resultado de uma ação pensada, ponderada e desejada pelas jovens mães e pais adolescentes. Fazem face a outros, mais antigos, como os de Delasco e Almeida (1974, p.74), que a consideram um problema de saúde pública (visão tradicional dos profissionais de saúde), que deve ser solucionado através da diminuição da incidência nesta população.

A meu ver, ambos os enfoques devem ser revistos, uma vez que considerar a gravidez precoce como sendo um problema de saúde, por si só arrisca-se a remeter-nos à época em que a voz corrente era que “pobre não deveria ter tantos filhos”, sem considerar a condição psicológica daquela família, para tê-los ou não.

Por outro lado, considerar a gravidez precoce como uma ação consciente do adolescente que simplesmente deseja e faz, pode acarretar a banalização, e o inevitável movimento de indiferença que segue a banalização, frente às mazelas a que ficam expostas as jovens mães e suas famílias, quando isto se dá num contexto de pobreza e violência, que formam um círculo vicioso de difícil dissolução. É necessário que pensemos sem hipocrisia, que, provavelmente, poucos ou nenhum dos membros dessas famílias contarão com um futuro respaldado por melhores condições de vida, educação, saúde e trabalho.

Assim, a proposta deste estudo é discutir o tema a partir das perspectivas dos próprios jovens. O estudo procurou também considerar o provável desamparo em que podem se encontrar as meninas e meninos, quando se vêem grávidos, sem estudo, sem uma casa para constituir família e sem visualizar a possibilidade próxima de adquiri-la, mesmo que este seja seu desejo.

Para além da sua baixa renda familiar e a falta de meios econômicos e psicológicos adequados para cuidar de mais uma criança, considerou-se também e prioritariamente, a falta de orientação e diálogo por parte da família, da escola e dos próprios profissionais de saúde, que podem estar desenhando para estes adolescentes e para seus filhos um futuro sombrio.

Os desdobramentos e a repercussão política desse “desejo” ou “problema de saúde pública”, podem provocar uma série de outras demandas e de ações, por parte das políticas públicas. Aqui refiro-me

especificamente a políticas e ações voltadas para as crianças abandonadas, as crianças em situação de rua, os menores infratores, o problema da desnutrição e uma série de outros problemas, que sabemos podem ser ocasionados pelo crescimento da violência doméstica. Não por desejo ou intenção, mas por desconhecimento, desinformação e até por desilusão, uma vez que o episódio da gravidez ao invés de aproximar os jovens casais, pode contribuir para seu afastamento definitivo, fazendo terminar aí, talvez, o sonho de amor e segurança da menina mãe, como cita Bauman (1998) em "O Mal-Estar da Pós-Modernidade":

"Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais" (Bauman 1998, p.5).

Entretanto, a questão não é simples. Embora muito discutida e difundida, inclusive na fala popular, sobre as inovações científicas, o avanço dos métodos contraceptivos, as informações facilitadas pelos meios de comunicação e sua conseqüente interligação com o movimento de liberação da sexualidade. O que notamos é que passamos de uma época onde o sexo era um atributo do casamento, portanto, restringido pela moral sexual, para uma outra onde se liberaliza a atividade sexual. Porém, ambas as situações, a restrição ou liberalização compulsória, podem denotar uma forma de repressão sexual, que podemos denominar de "repressão pós-moderna", uma vez que as moças virgens sentem-se humilhadas frente às amigas já experientes.

Dos Jovens pesquisados, todos declararam ter conhecimento dos métodos contraceptivos existentes. Desloca-se, portanto, a questão do desconhecimento, pois os jovens têm acesso às informações, ainda que não saibam como usá-las corretamente. Tal como comenta Görden, em texto publicado na internet² falando sobre sexualidade, afirma que na América Latina 70% dos adolescentes conhecem os métodos modernos de contracepção. Porém, saber enumerá-los ainda não representa uma

² Sexualidade na adolescência: enriquecimento ou ameaça? Site: <http://elogica.br.inter.net/lumigun/texgund1.htm>, capturado em 25/06/2007

garantia do uso correto pelos entrevistados. Por exemplo, em pesquisas que também incluem os métodos naturais, apenas poucos dos entrevistados realmente sabem como se deve calcular o período fértil do ciclo menstrual. A pesquisa revelou, que a facilidade de acesso à informação não garante maior proteção contra doenças sexualmente transmissíveis e gravidezes indesejadas.

Observou-se aqui outro ângulo do problema. Questiono se a sexualidade crescente provocaria, nos adolescentes, ansiedade e mal estar e se a questão da gravidez entre as meninas da comunidade não estaria se transformando, instituído por elas mesmas, num “rito de passagem”, pois não é difícil ouvirmos, de meninas de 15 anos, esta fala, seguida de um gesto de impaciência: *“Puxa! Todas as minhas amigas já engravidaram... menos eu!”*.

A minha escuta foi direcionada para a fala dos adolescentes (meninas e meninos). Conhecendo como conheço sua realidade de vida, procurei perceber que significado tem, para eles, o fato de serem mães e pais tão precocemente.

Investigar o significado da gravidez para os adolescentes pobres da comunidade em foco, marcará a particularidade do meu olhar sobre este tema. E o fato de priorizar as perspectivas dos sujeitos envolvidos, considerando sua classe social e o meio em que vivem, o diferirá da visão teórica de outros autores, que, geralmente, não conhecem esta realidade tão de perto.

As questões que nortearam este estudo foram: Por que motivo, as meninas, por mais informadas que sejam, continuam engravidando precocemente? Que tipo de perda ou ganho elas consideram terem se somado às suas vidas após a maternidade? Qual a expectativa de futuro destes jovens, meninos e meninas, sendo pais em tão tenras idades?

Tendo como norteadoras estas questões, procura-se descobrir até que ponto pode-se considerar relevante a influencia do ambiente em que eles vivem e do seu nível educacional precário, no aumento da incidência da gravidez entre os adolescentes da comunidade pesquisada.

Deseja-se com esta reflexão, fornecer outros referenciais de análise acerca da gravidez em adolescentes de classes carentes, visando

auxiliar na construção de um novo olhar sobre as conseqüências desse evento que afeta as vidas, tanto das mães/pais, como das crianças geradas.

Vários autores inspiraram minhas reflexões acerca do tema gravidez na adolescência. Porém, as imposições dos fatos reais surgidos num grupo com características sociais marcantes, me inspiraram um diálogo mais aproximado com autores como: Luiz Alberto Pinheiro de Freitas, que explicita a situação atual das formações familiares e situa os adolescentes nestas formações, dizendo: *“A adolescência é um dos momentos mais conturbados do percurso dos homens...Período propício ao aparecimento de sintomas que incomodam aos pais e ao grupo social”* (Freitas, 2002, p.36); José Miguel Ramos de Almeida, que fala das dificuldades dos adolescentes em se situar na modernidade, já que não compreendem o que ocorre com eles mesmos, e diz: *“A adolescência é como que um tempo de passagem em falso, um tempo em que tudo é definido pela negativa: não se é criança, mas também não se é adulto”*. (Almeida, 2003, p.13); Regina Célia Tamasso Miotto, que discute a questão da gravidez/ maternidade na adolescência, destacando que: *“Pouco se tem estudado a respeito da proteção dessa jovem mulher, da família que está se constituindo e dos processos de reorganização das famílias de origem das(os) adolescentes”*(Miotto, 2005, p.129); Ludmila Fontenele Cavalcanti, cujos estudos traduzem a idéia de que: *“A compreensão de maternidade adolescente como “precoce”, está relacionada com a concepção de adolescência das sociedades modernas e passa a ser vista como um mecanismo que ameaça a trajetória educacional e o ingresso no mercado de trabalho pelos jovens”*(Cavalcanti,2003, p.1); Seguindo esta linha de pesquisa teórica, dialogo também com David Léo Levisky, cujos estudos psicológicos sobre a fase adolescente, falam sobre a liberação sexual e afirma: *“(...) não basta liberar, torna-se necessário aprender a lidar com seu corpo, seus desejos, seus afetos e, principalmente, ter consciência das repercussões objetivas e subjetivas em sua vida. Freqüentemente, o que ocorre em nossa cultura, é se tomar consciência após os fatos estarem consumados”* (Levisky, 1995, p.19), confirmando assim a importância da educação preventiva.

1.1 Estruturando a pesquisa

A estruturação deste estudo deu-se entre janeiro de 2004 e junho de 2006, quando iniciou-se um projeto de ação social do qual fazem parte cerca de 52 adolescentes. Sendo dividido em dois grupos, são 24 adolescentes moradores de uma comunidade carente no centro do Rio de Janeiro e 28 adolescentes moradores de um bairro do subúrbio, na baixada fluminense.

Os componentes de ambos os grupos têm idades entre 12 e 21 anos, e são filhos de famílias com baixa renda percapita. Embora os jovens moradores da baixada não tenham sido escolhidos como foco deste estudo, importa informar sua existência, posto que a diferenciação entre os comportamentos dos dois grupos motivou-nos a refletir sobre as razões das discrepâncias identificadas intergrupalmente.

Alguns fatores foram considerados relevantes, como: a rapidez do desenvolvimento dos adolescentes, suas mudanças de atitude diante da vida e, particularmente, a incidência de gravidezes entre as meninas e meninos integrantes do grupo morador da comunidade carente. Verificando que o mesmo não se deu no grupo morador do subúrbio, avaliou-se que havia importante influência dos espaços de formação dos adolescentes.

Seguindo o preceito de Muller (2002) que comenta que para conceituarmos a criança no Brasil hoje, precisaríamos apontar divergências entre elas, em função de diferenças substanciais entre suas realidades de vida, (In, Neto, 2005 p.25), primou-se por identificar a realidade presente na vida dos adolescentes da comunidade, uma vez tendo-se notado suas conseqüências cada dia mais nitidamente.

O grupo da baixada fluminense, apesar de também ser estudante de escolas públicas, apresenta melhor desenvolvimento cognitivo e todos se encontram adiantados nas séries escolares, em comparação com o grupo da comunidade na mesma faixa etária.

Os grupos trabalham, simultaneamente, com temas similares como: relacionamento familiar, comportamento adolescente, relacionamento social, desenvolvimento comunitário, sexo na adolescência, gravidez na adolescência e prevenção às DSTs, entre outros temas propostos pelos coordenadores e pelos próprios adolescentes, que após pesquisas e discussões preparam e apresentam *Workshops* para jovens de outras comunidades.

No percurso entre a apresentação e a conclusão dos temas propostos, pode-se claramente notar a diferença (inter-grupal) nas posturas dos adolescentes. A capacidade de concentração, de interpretação e a capacidade de apreensão dos temas e ensinamentos trocados, variam em grande escala quando se compara um grupo e outro, considerando-se suas conclusões.

Numa das atividades propostas aos grupos, que se chamava “o que você quer ser quando crescer?”, os adolescentes do grupo da baixada fluminense, apresentaram expectativas e sonhos de futuro, expressando desejos de estudar e exercer uma profissão que lhes assegurasse boa remuneração, segundo eles, para cuidar dos pais ou para si mesmos. Enquanto no grupo da comunidade somente 4 adolescentes expressaram claramente os mesmos desejos, conseguindo visualizar um futuro, enquanto a maioria das respostas restringia-se a alguns “não sei”, “quero ser grande”, “quero ser qualquer coisa” e até “quero ser traficante”.

Esta diferença das expectativas de futuro dos adolescentes pode estar sendo gerada pela falta de exemplos, familiares e comunitários, disponíveis para o grupo da comunidade. Também a assiduidade com que assistem ou têm informações de mortes de pessoas muito jovens, ocasionadas pela violência territorial.

As famílias dos adolescentes da baixada, são em sua grande maioria, compostas por pai, mãe e filhos. Tal como as outras, as poucas famílias monoparentais existentes no grupo residem próximas às suas famílias de origem, geralmente encontrando-se num mesmo quintal, várias gerações de consangüíneos. Avós, tios e tias, com primos e primas, porém cada família em sua casa, uma vez que a área territorial

dos terrenos é bastante extensa. Outra particularidade é que a maioria destas famílias é participante de religiões católicas, e os jovens, com exceção de poucos, freqüentam regularmente as missas nas manhãs de domingo.

No grupo da comunidade, as famílias em sua grande maioria são monoparentais, e também muitas residem, não próximas, mas “junto” com sua família de origem, avós, tios, tias, primos e primas todos numa mesma casa, uma vez que na comunidade as casas não possuem terrenos e raramente possuem estrutura para que se construa outros andares. Diferentemente da baixada, na comunidade há grande diversidade nas religiões exercidas pelas famílias dos jovens, e embora alguns poucos se apresentem como católicos, estes mesmos, freqüentam às missas apenas em datas festivas ou em missas de sétimo dia, o que invariavelmente ocorre independente da religião ou da atividade professada e/ou praticada em vida pelo(a) finado(a).

Importa comentar, a respeito das religiões, posto que, numa atividade intitulada “Falando sobre sexo..., Posso ajudar?”, no grupo da baixada surgiu várias vezes a pergunta: “fazer sexo antes de casar é pecado?” e no grupo da comunidade não surgiu nenhuma pergunta relacionada aos limites, impostos pela religião, com respeito ao sexo antes do casamento. Entretanto, a maioria das adolescentes que engravidaram mais precocemente, de 13 a 16 anos, neste grupo, era de famílias que se professavam católicas, evangélicas ou de religiões ainda mais rigorosas, ao passo que as adolescentes que engravidaram mais tardiamente, entre 17 e 20 anos, são de famílias agnósticas ou de religiões espíritas. Consideramos que isto se deu pela maior liberdade de diálogo entre mães/pais e filhas/filhos, não pressionados por dogmas cristãos.

As anotações dos diários de campo e as percepções das subjetividades surgidas intra e inter grupais, nortearam a montagem de um questionário semi-estruturado, que nos permitiria aproximarmo-nos das razões que levam os adolescentes da comunidade a iniciarem sua atividade sexual cada vez mais cedo. E por que, ao terem iniciado essas atividades, permitem que culminem em gravidezes.

O trabalho de pesquisa iniciou-se, efetivamente, em agosto de 2006, incluindo pesquisas bibliográficas e leitura de textos e pesquisas publicados na internet, sobre o tema gravidez na adolescência. Além de consulta a documentos de arquivos históricos, pertencentes à Associação de Moradores da comunidade onde residem os adolescente selecionados para este estudo.

O questionário semi-estruturado elaborado para a pesquisa foi composto por 46 perguntas e incluiu dados pessoais como: vida individual, vida familiar e vida social. Além de dados de informações sobre educação sexual, vida anterior ao parto, vida após o parto e desejo de futuro.

Algumas das perguntas do questionário serviram como categorias de análise para diferenciar questões de gênero frente ao impacto da gravidez, como: Com quantos anos teve sua primeira relação? Estudava antes de ser mãe/pai? Continuou estudando? Qual foi a reação da sua família diante da notícia de gravidez? Trabalhava antes de ser mãe/pai? Trabalhou após o nascimento? Vai trabalhar? Como reagiu quando soube que ia ser mãe/pai? Pensou em abortar? O que esse filho representa para você? Quais são os seus planos para o futuro? Você conhece métodos contraceptivos? Usou alguns deles no começo? Você acha que os jovens devem se preocupar em usar algum método contraceptivo? Por quê? Você costuma ir a consultas médicas? Se sente a vontade para pedir informações ao seu médico ou no local onde se trata?

Buscando alcançar os objetivos dessas categorias de análise, foram consultados referenciais teóricos sobre questões de gênero na área da paternidade / maternidade em diferentes culturas. Importa lembrar que a produção bibliográfica a cerca do comportamento dos jovens pais, especialmente das classes D e E da nossa sociedade são ainda insuficientes para fornecer-nos embasamento. Sendo assim procuramos contemplar visões de autores que priorizaram os temas maternidade/paternidade, adolescência e família. Além de priorizar a visão do próprio adolescente pesquisado.

A presente dissertação divide-se em cinco capítulos que abordam temas relevantes como os enfoques interpretativos atuais do tema gravidez na adolescência, os modelos de feminilidade e masculinidade vigentes nas famílias e no ambiente social pesquisado, os pontos de vista dos adolescentes e a vivência da sexualidade juvenil sob o impacto da gravidez, entre outros. Todos procurando explicitar a realidade dos adolescentes, que em meio às inúmeras dificuldades e violência presentes na vida de um morador de favela, procura atravessar essa fase inventando e reinventando um adolescer que, apesar de estabelecer seus “ritos” de passagem, parece estar sem perspectivas de futuro.